NOS PASSOS DE ARMINIUS.

UMA AGRADÁVEL PEREGRINAÇÃO.

POR

WILLIAM F. WARREN, D.D., LL.D.,

Presidente da Universidade de Boston,

AUTOR DE "EINLEITUNG IN DIE SYSTEMATISCHE THEOLOGIE;" "A VERDADEIRA CHAVE PARA ANTIGA COSMOLOGIA E GEOGRAFIA MÍTICA;" "PARAÍSO ENCONTRADO;" "UM ESTUDO DO MUNDO PRÉ-HISTÓRICO," ETC.

NEW YORK: PHILLIPS & HUNT
CINCINNATI: CRANSTON & STOWE
1888.

TRADUZIDO PARA O PORTUGUÊS
POR
MARTIVAL DOS SANTOS MORAIS

REVISADO POR
PAULO CESAR ANTUNES

COPYRIGHT, 1888, POR
PHILLIPS & HUNT,
NEW YORK.



JAMES ARMINIUS, D. D.

PREFÁCIO.

Duas classes de pessoas é esperado poder encontrar satisfação e vantagem com a leitura deste pequeno livro.

A primeira consiste daquelas que, tendo lido uma ou mais das biografias de Arminius, tem vindo a experimentar um penetrante desejo de aprender o que mais eles podem conseguir a respeito dos lugares e das influências pessoais no meio dos quais tão magnífica vida foi moldada. Por tais leitores, cada detalhe do modo de vida local nas páginas seguintes, cada item de informação antiga, serão reputados por preciosos.

A segunda classe é composta das pessoas que, ainda não tendo lido nem as obras nem uma biografia deste eminente pensador, e que, em conseqüência de ter herdado ou de outra forma adquirido falsa interpretação de seu lugar na história das doutrinas cristãs, não se sente decicidamente inclinado a iniciar uma investigação pessoal de sua vida e tempos. No caso destes é esperado que os vislumbres fugazes e parciais aqui apresentados possam, se de nenhuma outra forma, no mínimo por sua insuficiência estimulante, mostrar-se um eficiente incentivo para a leitura de maiores obras nas quais a estimulada curiosidade possa encontrar maior satisfação.

Quanto a mim – e ao introduzir um livro tão pequeno e pessoal, devo certamente obter permissão para falar com a familiaridade e integridade da primeira pessoa do singular – foi cedo em meus estudos teológicos que me interessei pelo homem cujos passos vigorosos são aqui retratados. Por algum tempo eu pensei em preparar uma nova e completa edição de seus trabalhos, e de escrever um retrato mais moderno e agradável de sua vida e caráter do que qualquer um que possuímos agora.

Durante minha primeira residência na Europa, nos anos 1856-58, eu conseqüentemente visitei Oudewater e os outros lugares associados com sua vida, examinando nos arquivos públicos e privados os poucos manuscritos inéditos de sua caneta do qual eu podia achar um rastro. Consultei livremente os principais estudiosos da sociedade remonstrante ou arminiana holandesa, recebendo deles uma atenção que eu nunca posso esquecer.

Um deles, O Rev. Dr. H. C. Rogge, pouco tempo antes preparou – em latim, visto ser mais atual no mundo erudito que o holandês – uma nova vida de Arminius, da qual o manuscrito ele amavelmente me permitiu trazer para a América. Eu também trouxe certos esboços populares da vida pastoral de Arminius publicados pelo mesmo e então jovem historiador, os quais há alguns meses atrás eu traduzi do holandês original, e publiquei em uma revista de Cincinnati. Os encargos pastorais bastante pesados para minha inexperiência impediram progresso adicional naquele período.

No ano de 1861 retornei à Europa, onde permaneci até 1866. Lá exigentes atividades de uma nova variedade ocuparam completamente meu tempo, e quando, ao final de cinco anos, fui lembrado que era somente para ser incumbido com

responsabilidades mais pesadas e variadas do que qualquer outra que anteriormente exerci. Deste modo ocupado, os anos passaram continuamente, cada um trazendo semelhantes urgentes tarefas presentes, que o trabalho literário de ordem histórica e crítica se tornou em empreendimento impraticável. Como uma conseqüência natural, o pensamento inicial de preparar uma nova edição dos escritos de Arminius nunca foi amadurecido em um propósito definido, ainda menos num fato concluído.

Em certa disposição recordativa no verão de 1880, escrevi três artigos jornalísticos sobre as visitas, das quais me lembrei, aos santuários associados com a memória do grande teólogo holandês, publicando-os com notas no *The Christian Advocate* de Nova Iorque. Estes artigos e notas, corrigidos e ampliados, constituem a substância do pequeno volume aqui apresentado. Suas declarações são mais fidedignas devido ao fato delas terem sido cuidadosamente revisadas por um do mais distintos representantes vivos da sociedade arminiana na Holanda, o Professor C. P. Tiele, da Universidade de Leyden. À gentileza deste eminente estudioso, devo importantes sugestões, e é um prazer, em fechando esta nota prefacial, publicamente reconhecer minha obrigação, e expressar meu agradecimento.

W. F. W.

Boston, Mass.

CONTEÚDO

I. EM OUDEWATER
II. EM UTRECHT
III. EM MARBURG
IV. EM LEYDEN
V. SOBRE O RENO
VI. EM GENEBRA
VII. EM BASEL
VIII. EM GENEBRA NOVAMENTE
IX. EM PÁDUA
X. EM ROMA

NOS PASSOS DE ARMINIUS

I.
EM OUDEWATER.

Era um dia de primavera encantador quando cheguei a Oudewater, o local de nascimento do homem cuja vida e ensino me trouxeram à Holanda. Vi que a destruição espanhola não me deixou nada da Oudewater de sua juventude – a adorável *"opidulum interfluente Isala*" – e todavia quis permanecer na terra consagrada que seus pés primeiro pisaram e me sentir cercado pela mesma paisagem e abóbada celeste na qual ele despertou para a consciência humana. Havia os mesmos campos nivelados, quietamente fluía o Rio Yssel, árvores exatamente como as árvores que seus curiosos olhos primeiramente contemplaram, ruas e pistas que indubitavelmente seguiam as mesmas linhas como quando, arrastando nas saias de sua enfermeira holandesa robusta, ele primeiro marchou por elas. Entre as casas de quase trezentos anos de idade, era fácil escolher uma e dizer, deve ter sido em semelhante casa que o honesto cuteleiro viveu, de quem, em 10 de outubro de 1560, o pequeno James nasceu.[1] Talvez fosse neste mesmo local. E aqui, com o filho deixando a infância, o bom pai morreu, num país convulsionado e saqueado pela guerra civil, deixando a família órfã para combater a pobreza. Lá, suas cinzas indubitavelmente repousam em um pátio de igreja antiga. Para cá veio aquele bom homem, *Theodore Æmilius*, enviado de Deus por providencial chamado para salvar a criança da destruição que aguardava a família e a cidade. Foi em semelhante porta que o irmão e a irmã separaram-se de seu irmão mais jovem, e a mãe, chorando, abençoou o menino que não podia mais ser dela. Foram nestas mesmas ruas que os demônios encarnados de Alva despejaram-se, assassinando mulheres e crianças indefesas e manejando a tocha para toda habitação dos homens. Para cá, assim que as notícias o alcançaram na Alemanha, apressou o menino de quinze anos de sua cidade de refúgio. Aqui, ai! O filho triste e totalmente órfão não podia achar nada além das agora frias cinzas da cada de seu pai cobrindo as frias cinzas de sua querida mãe, seu irmão, irmã, e outros parentes. Com que pesar este céu era contemplado naquele dia! Que coração desolado: com o pai ausente, órfão de mãe, desaparentado, o rapaz lança seu último olhar nas cinzas espalhadas no local de seu nascimento, e começa a seguir cansativa jornada a pé de duzentas milhas que devia levá-lo de volta ao seu refúgio nas montanhas de Hessen!

A quietude da pequena cidade, à medida que me aproximava, era completamente ajustada e conveniente. Eu lembro até hoje quão alto e inesperado um canto de galo soava, e como um golpe de martelo surgindo acima do som suave, constante e calmo, da vida de um inseto, dava a impressão de uma comunidade em que existia somente uma única pessoa que trabalhava. E quão verdes e suntuosas, escuras e de um verdor cheio de vitalidade eram as árvores ao redor e os campos e os jardins e as márgens das estradas. Era fácil pensar numa bela vida humana começando em tal ambiente – e difícil de pensar que tais cenas diabólicas de

[1] O crédito da determinação do exato dia do nascimento de Arminius é devido à verificação do historiador e teólogo arminiano, o Rev. Dr. H. C. Rogge, bibliotecário-chefe da biblioteca universitária de Amsterdã. Estudantes de história holandesa neste período irão achar seu trabalho em três volumes, intitulado *Johannes Uytenbogaert en sijn Tijd* (Amsterdã, 1874), de grande valor.

crueldade que estão historicamente registradas em pinturas na Prefeitura puderam sempre ter sido testemunhas em sua adorável quietude.[2]

Wordsworth, meditando no local e ambiente pessoal de sua própria infância, percebeu e agradecidamente reconheceu o ministério providencial de ambos, a beleza e o terror, na moldagem, afinamento e desenvolvimento de seu caráter. Indubitavelmente a mesma providência que soube tão bem deste modo produzir um Wordsworth, teve propósitos de igual sabedoria a ser cumpridos por estas contrastantes influências que na infância cairam sobre o jovem Arminius, parcialmente da paz e encanto da natureza e parcialmente de turbulência louca e paixões assassinas dos homens. Na maturidade dos anos ele também poderia bem ter cantado:

> Pó como somos, o espírito imortal se desenvolve
> como a harmonia na música; existe uma escura
> e inescrutável arte que reconcilia
> elementos discordantes, faz-lhes juntos
> ajustarem-se em sociedade. Quão estranho que todos
> os temores, dores e primeiras misérias,
> remorsos, vexações, lassitudes misturadas
> em minha mente, conduziriam um papel,
> e um papel necessário, de compor
> a minha calma existência quando
> for uma pessoa ilustre! Louvor ao fim!
> Graças aos meios que a natureza dignou-se empregar;
> Quer suas intrépidas visitas, ou as
> que vêm com agradável alarme, como luz inofensiva
> abrindo nuvens serenas, quer use
> intervenções mais severas, ministração
> mais palpável, conforme melhor adaptar ao seu desígnio.

---

[2] Na data do nascimento de Arminius, nenhum sermão protestante ainda tinha sido orado em Oudewater. Seu batismo deve ter sido nas mãos do sacerdote da paróquia, e diante de um altar ainda adornado com imagens e crucifixos. Até seu sexto ano nenhum arauto errante da fé reformada tinha se dirigido para a província da Holanda. Naquele ano, veio o primeiro, um homem tão singelo e heróico como qualquer pastor itinerante ou local que alguma vez tenha invadido uma calma cidade da Nova Inglaterra. Seu nome era Jan Arents, e ele era um fabricante de cesta por profissão. No seguinte ano, 1567, ele e o futuro sogro e a futura esposa de Arminius, então uma jovem menina, foram obrigados a fugir do país para salvar suas vidas. Sua fuga por mar em direção a Emden foi um dos episódios mais românticos na história da Reforma holandesa.

II.
EM UTRECHT.

Theodore Æmilius levou seu pequeno pupilo para Utrecht, então fui diretamente de Oudewater para Utrecht. Em que parte da cidade ele se hospedou naqueles dias difíceis, naturalmente, ninguém pode dizer. Mas aqui fica a velha catedral de São Martin, sob cujos arcos ele certamente deve ter caminhado, admirando-se como um menino surpreendido uma arquitetura que sobrepujava qualquer coisa que ele tinha visto em seu nativo povoado. Ele deve ter contemplado a fortaleza sombria de Vreeburg, que o imperador Charles V construiu no portão da cidade para manter os cidadãos patriotas sob controle. Enquanto aqui na escola, ele perdeu seu pai adotivo e estava só na velha cidade desconhecida. Mas a providência não esqueceu seu encargo. Rudolph Snell, natural de Oudewater, e Professor de Filosofia e Matemática em Marburg, em Hessen, estava em Utrecht numa visita rápida, e percebendo o rapaz em desamparo, levou-o para sua casa em Marburg. Mal tinham chegado a esse lugar seguro, vieram notícias de que a maré impetuosa da guerra correu sobre a pacata Oudewater e que nela sua casa, mãe e parentes foram enterrados para sempre de suas vistas. Apesar dos riscos da empresa, o agitado menino não queria saber de dissuasão, e rumou para sua devastada terra natal. Como vimos, ele derramou lágrimas de solidão sobre a pira consumida de sua mãe, visitou, sem dúvida, a ainda identificável sepultura de seu pai, e finalmente, com pés feridos e cansados, mas protegidos de assassinos espanhóis, chegou novamente na entrada hospitaleira em Marburg.

III.
EM MARBURG.

Um sanatório mais bonito para uma alma magoada e quebrantada o Pai do órfão dificilmente poderia proporcionar. Duas vezes visitei este adorável abrigo no vale do Lahn, onde James Arminius passou seus quinze anos. Em que reanimador contraste com o equilíbrio e uniformidade do cenário da Holanda distinguiam-se aquelas desabitadas colinas adjacentes! Que encantos cicatrizadores foram para o melancólico menino nestas antigas florestas e neste rio estrondoso! Acima da cidade, sobre o cume do Schlossberg, ficava o castelo de pedras brancas do marquês de Hessen.[3] Debaixo dos arcos góticos de seu "Salão dos Nobres," há alguns anos antes, o famoso debate entre Lutero e Zwínglio havia acontecido. Sem dúvida alguma, a própria mesa em cuja cobertura aveludada Lutero escreveu com giz seu "HOC EST CORPUS MEUM" ainda podia ser vista. Melanchthon, um dos membros do debate, morreu no mesmo ano do nascimento de Arminius. Aqui, também, ficava a nova universidade, a primeira fundada pelos protestantes, que em 1575 tinha menos de cinqüenta anos de idade. Devido à generosidade de seu amigo ele não teve apenas um lar, mas também o privilégio de estudar na universidade. Para o aproveitamento de tais oportunidades ele já havia sido preparado por Theodore Æmilius. Alguns de seus professores poderiam sem dúvida recordar a conferência memorável de príncipes, nobres, teólogos e delegados no castelo em 1529. Quão avidamente deve aquele rapaz, destinado a tornar-se o mais famoso teólogo de seu país, ter absorvido estas descrições dos grandes reformadores, e buscado um entendimento de suas estranhas contendas doutrinárias! Em outra ocasião, com que saudável entusiasmo infantil ele deve ter descoberto sua cabeça, e, com seus jovens companheiros, acenado seu boné, enquanto atravessava pela cidade, com corcéis esfumaçantes, cavaleiros armados e mensageiros emplumados, a magnífica carruagem do marquês! Em outra atmosfera, de um domingo tranquilo, debaixo dos arcos da bela Igreja de Santa Elizabeth de Thüringen, como deve ter doido seu coração por causa dos elementos trágicos na vida dela e em sua vida, e ter buscado conforto no Deus dela e no seu Deus.

---

[3] O castelo ainda ocupa seu antigo local. Por alguns anos ele foi usado como uma penitenciária comum, mas um espírito público iluminado resgatou-o de tão ignóbil serviço, e providenciou sua preservação como um precioso monumento histórico. A "Rittersaal," na qual o memorável debate aconteceu, foi restabelecida e decorada conforme seu antigo estilo, e em outras partes da construção os arquivos públicos da Província Prussiana de Hessen estão agora preservados.

IV.
EM LEYDEN.

No ano seguinte, o rapaz estava em seu próprio país, na nova Universidade de Leyden. Para Leyden, é claro, eu não deixei de ir. Lá eu revivi aquele magnífico cerco que nosso próprio Motley tão brilhantemente descreveu. Recordei a nobre escolha dos heróicos cidadãos quando, em reconhecimento de sua coragem, o Príncipe William de Orange lhes ofereceu isenção de impostos ou o estabelecimento de uma universidade em sua cidade. Eu vi em imaginação a memorável celebração cívica e acadêmica em sua inauguração, as figuras simbólicas engenhosas e os grupos que representaram as diferentes faculdades no grandioso cortejo, o entusiasmo da nação recém-emancipada regozijando-se de sua libertação parcial de um poder tirano. Não me admirei que, visto que as notícias de tudo isso chegaram aos nossos refugiados em Marburg, o jovem James de Oudewater sentiria saudades de sua terra natal mais uma vez, e que, na abertura do período letivo de outubro em Leyden, ele seria encontrado entre os alunos matriculados.

Aqui, nesta cidade cercada de muralhas e fossos – a mais antiga no reino – por seis anos ele seguiu seus estudos. Em Bertius, um ministro reformado de Rotterdam, Deus lhe deu um novo amigo e protetor, que cuidou dele como um pai. E aqui está localizado até o dia de hoje, não somente o grande edifício no qual Arminius pronunciou tempos após sua magistral oração sobre o "Sacerdócio de Cristo," e no qual ele ensinou teologia, e foi empossado com cerimônias imponentes como *Rector Magnificus* da universidade, mas também a estrutura mais velha, o desapropriado convento de Santa Agnes, o *Falyde Bagynen Hof*, ocupado pela universidade desde o dia da chegada de Arminius até 16 de abril de 1581. Aqui o rapaz aprendeu hebraico com Rennecherus; teologia, filosofia e ciências humanas com Feugeræus, Drusius, Danæus, e outros.[4] Aqui, depois de 1577, ele estudou matemática e astronomia sob seu querido e velho amigo, Rudolph Snellius, naquela data chamado para uma cátedra em Leyden. Aqui, no antigo convento, ainda fica a biblioteca da universidade. Para cima e para baixo destes mesmos degraus o menino estudante saltava todos os dias, há três séculos atrás, destas janelas ele olhava, debaixo deste telhado ele entrava e saía. Aqui está a própria sala, embora não saibamos qual, onde o Professor Donellus lecionava, e que, quando a universidade se mudou de Rapenburg para seu local atual, recusou ir com ela, e prosseguiu sua profissão "no velho lugar." Aqui estão as antigas igrejas com as quais o menino deve ter se familiarizado – São Pancras, construída em 1250; a catedral de São Pedro, datada de 1112, na qual suas próprias cinzas um dia iriam repousar. Quem pode dizer quantas vezes, com seus companheiros de estudo de história clássica, ele escalou o "Burcht," a ruína de um antigo castelo no centro da cidade, e recordou os anos remotos do primeiro século cristão, quando, de acordo com uma duvidosa tradição,

---

[4] Os primeiros professores teológicos de Leyden foram os seguintes: Guilielmus Feugeræus (Feugeray), o primeiro reitor, 1575-79; Johannes Bollius, somente um ano, 1577-78, estudou em Louvain; Hubertus Sturmius, 1579-83, estudou em Heidelberg; Lambertus Danæus, 1581-82, estudou em Genebra; Johannes Holmannus, 1582-86. Na inauguração da universidade em fevereiro, 1575, o veterano Ludovicus Capellus estava presente no cargo de Professor de Teologia, e proferiu sua oração inaugural; mas ele partiu logo em seguida, provavelmente sem pronunciar um único curso de conferências, para retornar à França. É prazeroso associar Arminius com sua *alma mater* acadêmica, mesmo que assim distante, com o posterior Ludovicus, de Saumur.

Leyden era o *Lugdunum Batavorum* dos Romanos? Rembrandt e outros grandes artistas que nasceram em Leyden, que tanto fizeram para imortalizar a arte holandesa, ainda não haviam nascido, mas no velho *Stadhuis* ainda há uma escultura da crucificação de Cristo feita por Engelbrechtsen, para a qual o jovem Arminius deve ter olhado com admiração. Enfadonho e modesto deve ter sido o novo salão do conselho administrativo da universidade em sua primeira ocupação em 1581; agora é adornado com retratos dos professores desde o mais antigo ao mais recém-falecido. Niebuhr, recordando os ilustres homens que aqui trabalharam, afirma que nenhum lugar na Europa é tão notável na história da ciência como este mesmo venerável salão. Naqueles anos, o jovem Arminius não sabia em que célebre companhia seu próprio retrato um dia seria pendurado naquelas paredes; ainda menos que, mais famoso que qualquer Salmasius ou Scaliger, Boerhaave ou Grotius, seu próprio nome seria, três séculos mais tarde, o imã que atrairia peregrinos através dos continentes e mares para visitar os lugares históricos de seu nascimento e trabalho de toda uma vida.

O pouco que conhecemos de Arminius como aluno em Leyden é muito fidedigno, pois quem nos informou foi um companheiro de estudo, que viveu sob o mesmo teto, e talvez ocupou o mesmo quarto – um filho de Bertius, seu protetor. De seu relato fica claro que o jovem rapaz de Oudewater merecia o mais alto respeito dos alunos e professores. Suas primeiras privações não o tornaram deprimido e melancólico. Sob a influência dos amáveis amigos que Deus lhe deu, ele desenvolveu uma personalidade brilhante e simpática. Com companheiros escolhidos ele cultivou as inspirações da profissão de escritor. Escreveu tanto poesia como prosa. E tais eram seus dons, graças e sabedoria que, como os seis anos estavam acabando, as autoridades da universidade fizeram a outras autoridades de Amsterdã descrições tais que eles decidiram assumir a despesa de enviar o jovem *mestre* promissor para Genebra, na Suíça, então lugar da mais famosa escola teológica de todo o mundo calvinista. Com ele giramos nossas faces para o sul, ascendendo o célebre Reno, trocando as dunas e canais parados da Holanda pelas cascatas, correntes e grandezas extraordinárias dos distantes Alpes.[5]

[5] Uma comparação dos arquivos das duas universidades mostra que Lambert Daneau (Danæus), após trabalhar como Professor de Teologia em Genebra 1573-81, desempenhou o mesmo ofício em Leyden 1581-82. É portanto natural supor que ele pode ter exercido alguma influência para tornar possível a transferência de Arminius para Genebra. Na história da enciclopédia e metodologia teológica, Danæus é famoso como o primeiro escritor a tratar a ética cristã como uma ciência independente. Como em 1582 ele retornou a Genebra, Arminius pode ter desfrutado de sua companhia na viagem.

V.
SUBINDO O RENO.

As experiências do jovem Arminius em sua viagem rumo ao longo vale do Reno em 1582, e em seu retorno pelo mesmo trajeto em 1586, são inteiramente deixadas à nossa imaginação. Quantas vezes ao subir e descer o famoso rio eu desejei que ele tivesse deixado um itinerário! Podemos apenas conjecturar os locais históricos que ele parou para visitar, e as sensações que eram evocadas pelos abismos do castelo, pelos terraços cobertos por trepadeiras, pelas cidades antigas, pelos vales alegres, pelas vilas pitorescas e cidades imperiais acima de Colônia. O melhor auxílio para uma reprodução da viagem e das vistas daquele tempo que eu pude obter foi o diário de Wolfgang Meyer, um dos membros do infeliz Sínodo de Dort, que, uns trinta anos depois das viagens de Arminius, fez, e descreveu com atenção cuidadosa, sua viagem de Basel a Dordrecht. O velho e curioso livro está agora diante de mim, mas tentar, por meio de sua ajuda, seguir Arminius em suas ardentes experiências no caminho de Leyden até Genebra exigiria mais tempo que podemos dispor. Além disso, as sensações de um montanhês descendo esse canal histórico das belezas e memórias do Vale Superior e Central nunca poderiam reproduzir as sensações de um habitante das planícies subindo pela primeira vez.

VI.
EM GENEBRA.

Com muitos turistas chegando em Genebra, os pensamentos de Calvino dominam todos os outros. Quanto a mim, eu quis me beneficiar das associações do lugar, não apenas para viver mais uma vez os tempos de Calvino, mas também para me habilitar a revivificar à mente e à imaginação os tempos de Beza, grande discípulo de Calvino, e Arminius, maior discípulo de Beza. Aqui a primeira pergunta que me veio à mente foi, será que, se a vocação de Arminius não o tivesse levado a tornar o maior teólogo de sua geração, ele não teria tornado seu maior filósofo? Ninguém consegue pacientemente investigar as sugestões e insinuações que lançam luz sobre o caráter e o progresso de suas opiniões e estudos filosóficos, sem ver que ele estava num caminho livre para antecipar o trabalho e a fama do futuro pensador de Leyden, "o pai da filosofia moderna," Descartes. Já em seu vigésimo primeiro ano desde que chegou a Genebra, ele não só dominou a filosofia escolástica da época, da qual a pedra fundamental era Aristóteles, mas também a literatura crítica principal deste sistema, Peter Ramus (Pierre Ramee), cuja tese de graduação era esta proposição: "Todas as coisas que Aristóteles disse são falsas." Sua fama como mestre nestes assuntos chegaram à cidade antes dele. Logo após entrar na universidade, a pedido urgente e reiterado de companheiros de estudos, Arminius concordou em dar, em seu próprio alojamento, algumas aulas em latim sobre filosofia. Ele começou, mas tal foi a impressão que eles provocaram que, de acordo com seus biógrafos, o professor oficial daquela disciplina chamou o protetor da faculdade, e Arminius foi aconselhado a desistir de sua instrução particular ou a retirar-se da instituição. A fama da Universidade de Basel (Basle), além da de Jura, estando naquele momento em ascendência, ele preferiu abandonar por um tempo, e dirigir-se da Suíça francesa à alemã, do vale do Rhone ao vale do Reno.[6]

---

[6] A razão acima mencionada é a única dada pelos biógrafos de Arminius para sua mudança para Basel. Não posso deixar de pensar, entretanto, que o sentimento da faculdade contra ele foi completamente exagerado. O professor "espanhol," a quem o Brandt mais jovem atribui o início da oposição, não pode ter sido outro senão Petrus Galesius, mas os registros oficiais da universidade mostram que ele não se tornou professor em Genebra até um ano após esta época. As relações pessoais de Arminius com a faculdade depois de seu retorno em 1583 parecem totalmente incompatíveis com o relato comum de sua partida. Além disso, há evidência indubitável que na época que Arminius foi para Basel *quase todos os outros alunos em Genebra deixaram a cidade*. Este fato nunca foi antes aludido em relação a isto. No registro da universidade, mantido pelo reitor, encontramos este registro: "Jacobus Arminius Veteraquinas. Theol. stud. ipsis Cal. Januarii 1582." Depois de mais cinco registros semelhantes, acidentalmente encontramos a seguinte anotação inestimável, quase a única numa lista de alunos abrangendo mais de três séculos: "Anno 1582 Cal. Iulii regendæ scholæ provincia in biennium proximum Anto. Faio iterum commissa est. *Eodem tempore, propter varios belli rumores et viciniam totam armis adversum nos trementem, studiosi fere omnes urbe cesserunt, paucique advenerunt.*" Este registro precioso mostra que justamente na época da partida de Arminius, a universidade estava quase ou completamente suspendida por causa das guerras locais. Quão interessante encontrar neste antigo registro os nomes de Cromhout, Bysius, Brederodius e Crucius, conhecidos amigos de Arminius naquele tempo; também o de Adrian Junius (aqui escrito Tjongius), o aluno de direito com quem ele posteriormente fez sua viagem pela Itália.

VII.
EM BASEL.

Diante de mim, enquanto escrevo, encontram-se doze belas paisagens fotográficas que acabaram de chegar da antiga e familiar Basel. Quão vivamente elas trazem de volta à memória a impressão de minha primeira visita àquela cidade de nome majestoso! Amavelmente apresentado pela carta do respeitado Tholuck ao professor Hagenbach, fui constrangido a receber atenção e cortesias embaraçosas em sua abundância e cordialidade. O simpático professor insistiu em ser meu *valet de place*, e sob sua direção, quão agudo foi meu prazer das antiguidades da cidade! Ai! Assim como ficamos ao lado do sepulcro do versado compatriota de Arminius, Erasmus, e falamos da importância do seu lema heráldico, *"Terminus,"* da mesma forma homens já estão ficando sobre os sepulcros de Hagenbach e Tholuck, e discutindo a importância de suas vidas e obras. De cada um, felizmente, entesourei lembranças, em obras escritas, dedicadas e apresentadas por suas próprias mãos. Como desejei que a antiga palestra que Hagenbach me permitiu ouvi-lo pronunciar na universidade tivesse sido somente sobre "Arminius e o corpo docente por quem ele foi instruído em Basel no inverno de 1582-83!"

Na época da permanência de Arminius aqui, não havia passado cinqüenta anos desde a morte de Erasmus. Ambos passaram anos de sua juventude em Utrecht; ambos devem ter brincado nas campinas de Gouda, e admirado o *Groote Kerk* de São João; ambos nasceram em outubro, ainda que quase um século de diferença; ambos enfrentaram tempos problemáticos, e vindo para Basel forasteiros, foram recebidos como amigos. Enquanto media a passos o calçamento da antiga catedral, sob a qual Erasmus foi enterrado com honras pela grata cidade, e andava pensativamente de lá para cá no escuro terraço adjacente, e olhava embaixo Klein-Basel além do rio, e absorvia toda a encantadora paisagem, não pude deixar de pensar que o jovem Arminius girava para cá seus passos e pensava ternamente em seu talentoso compatriota, e se perguntava se o mesmo escuro terraço não foi um de seus refúgios favoritos naqueles anos passados, quando a gota excruciante o proibia de prolongadas caminhadas para exercício. Isto pelo menos eu sabia: que me encontrava onde o jovem aluno holandês muitas vezes deve ter estado, e estava olhando bem abaixo para um riacho, impossível dele não ter notado, que despejava parte de suas águas alpinas no distante oceano setentrional através de canais que passavam pela querida e antiga Utrecht, e ainda mais querida e mais antiga Leyden.[7]

---

[7] No ano 1622 o governo municipal de Roterdã erigiu em sua principal feira-livre a estátua de bronze de Erasmus, a qual ainda pode ser vista em seu lugar. Ele se encontra adornado com seu chapéu e toga de doutor, virando as páginas do precioso livro que ele ajudou a restaurar para a Igreja. Se o observador puder ler em holandês ele pode decifrar a seguinte inscrição curiosa: "Aqui nasceu o grande sol que se fixou em Basel. Possa essa cidade imperial honrar e celebrar o santo em seu túmulo; a cidade que lhe à luz, lhe dá esta segunda vida. Mas o erudito das línguas, a alma da moralidade, a maravilha gloriosa que brilhou em caridade, paz e divindade, não deve ser honrado por um mausoléu nem ser gratificado por uma estátua. Por isso o arco celeste unicamente deve cobrir Erasmus, cujo templo considera indigno um espaço mais limitado." Uma estátua menor, também, adorna a casa na qual ele nasceu, e que carrega a ditosa inscrição: *"Hæc est parva domus, magnus qua natus Erasmus."* O professor Tiele me informa que na feira-livre, antes da construção da estátua de bronze, "havia uma estátua de arenito, muito danificada pelos espanhóis. Entre os calvinistas houve grande indignação contra este 'ídolo,' como eles assim o chamaram, e um do pregadores arminianos da

Os Buxtorfs, que mais tarde deram tal fama a Basel com relação ao ensinamento do hebraico, e que também foram uma família holando-renana, se não holandesa (*Bockstrop*), ainda não estavam aqui. John, o pai deles todos, um "filho do Natal," era quatro anos mais jovem que Arminius, e nesta mesma época, estava estudando no antigo abrigo de Arminius, a Universidade em Marburg. Ele veio para Basel continuar seus estudos no ano da ordenação de Arminius – 1588. Deste lugar, ao saber da morte de Arminius, ele escreveu inesquecíveis palavras de enaltecimento.[8]

Somente treze anos antes da visita de Arminius, Pierre Ramee, então talvez no auge de sua fama, residiu por alguns meses em Basel. Ele se hospedou com Catherine Petit, a mesma mulher com quem João Calvino se hospedou na mesma cidade no tempo em que ele compôs suas imortais *Institutas*. Com que entusiasmo deve ter Arminius procurado a casa duplamente enriquecida por tais associações!

Dificilmente ele deixou de conhecer James Meyer, pastor de Saint Albans, e pastor assistente na Catedral. Este homem era de linhagem famosa, e sua esposa, Agnes, era filha do reformador Capito, e da mais famosa e brilhante mulher, Wibrand Rosenblatt, que foi sucessivamente esposa de Keller, Œcolampadius, Capito e Bucer. Se Arminius ocasionalmente passou uma noite com eles, ele indubitavelmente viu Wolfgang, o menino de cinco anos de idade, o futuro delegado em Dort, cuja viagem descendo o Reno já aludimos. Em seu octogésimo ano este pregador de catedral pronunciou um sermão fúnebre sobre alguém que subitamente morreu, tomando como texto a passagem: "Como a árvore cai, então ela vai morrer." No término do discurso, caiu subitamente para trás, e ele mesmo morreu no púlpito.

O reitor da faculdade teológica nesta época, e aparentemente a personalidade principal, era John James Grynæus. Ele era professor de Literatura Sacra. Ele estava encantado com Arminius. Quando um ou outro aluno em sua classe tinha que responder uma pergunta difícil, ele amava lançar-se para trás em sua pesada cadeira e gritar: "Deixe meu holandês responder por mim!" Quando seu holandês deixou a universidade para retornar à Genebra, em 1583, Grynæus deu a ele uma bela carta de recomendação "A todos os piedosos leitores," que felizmente foi preservada.[9]

Grynæus não foi o único a sentir uma favorável impressão do jovem Arminius. É uma prova singular da liderança natural e evidente do jovem, que na primavera ou

---

época, provavelmente Hollingerus, escreveu uma petição cômica na qual Erasmus recorre aos burgomestres e conselheiros para vindicar seus antigos direitos!"

[8] Muito recentemente me interessou descobrir que o muito tempo atrás parcialmente paralítico mas ainda ativo Thomas Lieber, em forma latinizada Erastus, o pai do termo ainda que improvavelmente da doutrina do Erastianismo, foi na época da permanência de Arminius ligado à Universidade de Basel, morrendo no último dia de 1583. Se Lieber tivesse ensinado tudo o que o Erastianismo pretendia na história das controvérsias holandesas e inglesas, os biógrafos de Arminius descobririam algo muito significante neste contato histórico daqueles de quem os termos Erastianismo e Arminianismo respectivamente surgiram.

[9] Na biblioteca em Basel ainda são encontrados dois largos volumes de cartas não publicadas escritas pelos eruditos de sua geração até Grynaeus. Uma destas epístolas foi escrita por Arminius em 1591, mas eu soube de sua existência tarde demais para ter o prazer de uma leitura compenetrada.

início do verão deste primeiro e único ano de sua residência, o corpo docente da universidade teria solicitado que ele proferisse uma série pública de palestras diante dos alunos da universidade. Parece ter sido uma espécie de recompensa e compensação providencial pelo gesto suspeito e grosseiro da faculdade em Genebra. Ele consentiu, e saiu-se lindamente em um curso sobre a Epístola de Paulo aos Romanos que a faculdade lhe ofereceu uma promoção imediata ao Doutorado em Teologia Sacra. Isto ele humildemente recusou em razão de sua juventude, e o caminho estando agora aberto para retornar à Genebra com louvor e recente recomendação, ele assim fez, e uma vez restabelecido lá, ele logo tornou-se quase tão favorito de Beza quanto tinha sido de Grynæus.[10]

[10] Polanus, um ardente discípulo de Ramus, que posteriormente se tornou genro de Grynæus, veio para Basel em 1583, mas se a tempo de conhecer Arminius eu não sei.

VIII.
EM GENEBRA NOVAMENTE.

Em Genebra estive a tempo de desfrutar as hospitalidade do glorioso Merle D'Aubigné. Ah! Sobre sua vida também o lema heráldico de Erasmus desde então foi escrito. Em muito menos de três séculos os estudantes de histórias antigas da Reforma provavelmente procurarão por qualquer lembrança ou vestígio de sua residência aqui tão inutilmente quanto eu fiz por vestígios da permanência de Arminius. Mais enfaticamente do que podemos perceber completamente "uma geração vai e outra vem." Feliz daquele sobre cuja placa de mármore, como em sua no Coligny, no lugar de "morreu," pode ser escrito *"Rappellé à Dieu."*[11]

Aqui duas cenas particularmente imprimiram-se em minha imaginação. Se eu fosse um pintor eu poderia reproduzi-las novamente em cada contorno e sombreado. Uma era, *Arminius ao lado do túmulo de Calvino*; a outra era, *Arminius no lugar onde Servetus foi queimado*.

Era natural, e somente natural, que às vezes minha imaginação se ocupasse com a reprodução da vida exterior do estudante que eu tinha seguido tão intimamente, o descrevesse nas abarrotadas salas de aula de Beza, Faius e Casaubon; em seu quarto de estudos meditando sobre os seus bem gastos Testamentos Grego e Hebraico; em seus passeios de barco ocasionais sobre o plácido Leman; em sua caminhada aos sábados para a fresca Salève; em suas viagens de férias pelo Chamouny e sobre o Tête-Noire; em suas orações aos domingos sob os arcos históricos de Saint Pierre – mas sempre meus pensamentos acelerados voltariam para o túmulo de Calvino e diriam: "Sim, aqui ele deve ter estado," e para aquela Aceldama de Servetus, e repetiria: "Sim, aqui, bem aqui, ele deve ter estado também." Na presença de tais imagens, que despropósitos pareciam as modernas lembranças de Rousseau, Voltaire, Byron e Gibbon, que guia e guias de viagens estavam continuamente empurrando sobre mim![12]

Mas o jovem Arminius ainda está faminto por conhecimento. Ele completou seus estudos na principal universidade do mundo calvinista. Adquiriu a alta estima e

---

[11] Agrippa d'Aubigné, o ilustre representante do século dezesseis da família, estudou em Genebra antes da chegada de Arminius, mas fugiu, retornando sem permissão para a França em seu décimo terceiro ano. Seu romântico casamento aconteceu em 1583. Após seu estabelecimento em Genebra, em 1620, ele se ocupou com o término das fortificações da cidade, e foi chamado a Basel para planejar um novo sistema de defesas para aquele lugar. Ele trouxe para Genebra um filho bastardo, a quem deu o nome de Nathan Engibaud – Nathan, em homenagem ao profeta enviado por Deus para lembrar Davi de seu pecado, e como uma perpétua lembrança de seu próprio pecado; Engibaud, porque este nome era irregularmente e anagramaticamente composto das letras constituintes do nome de família, D'Aubigné. Deste Nathan a família de Genebra descendeu, a qual pertenceu, pelo casamento de seu avô, o Dr. Merle, o historiador.

[12] A notável colônia de refugiados dos puritanos ingleses, incluindo Knox, Coverdale, Whittingham, entre outros, deixou Genebra para retornar à sua terra natal em 1560, ano de nascimento de Arminius. O registro oficial da colônia, contudo, ainda está preservado nos arquivos do *Hotel de Ville*. Um relato interessante dele pode ser visto no *Bibliotheca Sacra* de julho de 1862. Compare um artigo do Dr. Charles A. Briggs, intitulado "Um Antigo Tipo de Presbiterianismo" no *The Independent* (New York), de 5 de julho de 1888. Arminius posteriormente encontrou os refugiados brownistas em Amsterdã.

o respeito de homens famosos. Mas antes que ele possa retornar de vez para as distantes planícies no Mar do Norte, ele deve ouvir o ilustre Zabarella, de Pádua, o mais notável professor acadêmico vivo do mundo dos princípios de Aristóteles. Aquele que tinha sido acusado de ligação indevida com Ramee, agora mostra sua nobre docilidade de natureza e catolicidade de espírito partindo da cidade onde ele primeiro atraiu esta acusação para si, e buscando além dos Alpes, na Pádua papal, as recentes afirmações da filosofia contemporânea.[13] Na companhia de seu parceiro de estudos – Adrian Junius, um estudante de direito, posteriormente um eminente membro do Senado Holandês – ele fez uma próspera viagem pelos desfiladeiros alpinos e chega ao seu local de destino.

[13] O ávido interesse com que Arminius pela primeira vez leu os escritos de Ramus não nos surpreende. Milton foi um discípulo mais entusiástico que Arminius. Cambridge estava cheia de novas idéias. Bologna ofereceu a Ramus sua Cadeira de Filosofia. Quase toda universidade protestante na Suíça, na Alemanha, e na Holanda tiveram por anos adeptos fiéis do "Ramismo." A mais recente monografia original sobre o sistema diz com propriedade: "O verdadeiro lugar de Ramus é à frente dos precursores da filosofia moderna.... Arruinando o escolasticismo, ele, por toda parte, preparou o caminho para uma melhor filosofia." – Waddington, *Ramus, Sa Vie, ses Ecrits et ses Opinions*, Paris, 1855, pág. 397. Arminius descobriu a imperfeição e as falhas do sistema mais cedo que a maioria de seus contemporâneos.

IX.
EM PÁDUA.

Então fui a Pádua. Em menos de meia hora após minha chegada na estação de trem eu estava na vasta biblioteca da antiga universidade, com os cotovelos estendidos em seus arquivos manuscritos e impressos.[14] Há muito tempo minha curiosidade tinha sido provocada para descobrir algo sobre este Jacobo Zabarella, o filósofo que, bem nos calcanhares da Reforma, pôde atrair estudantes protestantes em grupos de vinte sobre os altos Alpes para freqüentar uma universidade católica romana. O que havia em seu ensino que levou o jovem Arminius a sentir que deveria se colocar aos seus pés antes que pudesse retornar para servir seus generosos protetores, embora não houvesse tempo para conseguir sua prévia permissão? Nenhum biógrafo de Arminius jamais me deu a menor satisfação. Agora, no mesmo solo, eu veria o que poderia descobrir por mim mesmo.[15]

A tarefa não foi mesmo simples. Primeiro eu encontrei por acaso o velho Francisco, o primeiro importante na família, mais tarde arcebispo de Florença, cardeal, e uma vez quase eleito papa. Mas ele foi um antepassado muito distante, e, como eclesiástico, não se pode, obviamente, supor que ele tivesse um filho Jacobo, ou um filho de qualquer outro nome. Então, para meu espanto, investiguei outros representantes da família, até que descobri que houve nada menos que onze Zabarellas professores de Direito em Pádua. Finalmente, nas antigas histórias e discursos de Antonio Riccoboni, Giacomo Tomasini, Giambattista Contarini, Giuseppe Vedova, Carlo Patino, Francisco Maria Colle, eu segui a trilha de Jacobo e descobri meu banquete. Suas obras completas, se me lembro direito, não estavam na coleção, mas em outro lugar encontrei os títulos delas todas. Fiquei sabendo que o distinto professor era natural da cidade, nascido em 5 de setembro de 1533; que ele foi *mestre* aos vinte anos de idade, professor de Lógica em 1563, e de Filosofia de 1578 até sua morte em 1589, três anos após a vinda de Arminius. Ele evidentemente exerceu uma poderosa influência fora da esfera acadêmica. Ele foi empregado pela cidade em uma negociação muito importante com os venezianos, e cumpriu suas obrigações tão satisfatoriamente que, além de recompensá-lo com uma generosa quantia, o governo prometeu do tesouro público mil ducados de ouro como dote à sua jovem filha. O imperador Maximiliano o nomeou *Comes Palatinus*, e o imperador Ferdinando mais tarde tornou hereditária a alta distinção na família. O rei da Polônia tentou segurá-lo por meio de abundantes ofertas de dinheiro e honra,

---

[14] O belo edifício da universidade em Pádua foi o único em que Zabarella palestrou e Arminius ouviu, tendo sido iniciado em 1493 e terminado em 1552. Nestes dias é digno de nota que mais de duzentos anos atrás, a saber, em 1684, esta universidade não somente diplomou uma mulher, Elena Lucrezia Cornaro Piscopia, mas também ergueu uma magnífica estátua em sua memória. Ela ainda se encontra em seu lugar de honra à direita da grandiosa escadaria.

[15] Dos arquivos da universidade de Genebra parecem que Julius Pacius, que foi professor de Direito de 1580 a 1585, foi também professor de Filosofia de 1582 a 1583. Sua renúncia do Romanismo se deu na época de sua chegada em Genebra, e como anteriormente ele tinha estudado e obtido seu diploma em Pádua, pode ter sido por sua influência que Arminius concebeu tão ardente desejo de colocar-se aos pés de Zabarella. Muitos, entretanto, formavam multidões para ir a Pádua por iniciativa dos países protestantes. Brandt diz que quando Arminius estava lá, *ipse quoque Germanos quosdam nobiles docuit Logicam*. (Página 30.) Pacius, e não seu sucessor espanhol, deve ter sido o único incomodado com as palestras de Arminius na primavera ou verão de 1582.

mas em vão. Os auditórios da universidade não podiam comportar os alunos que se aglomeravam para ouvi-lo. Quanto à sua aparência pessoal, minhas autoridades discordavam. Tomasini o descrevia como de ótima aparência – "*spectabilis vultu*," mas em outro lugar eu li que no *Imperial Museum Historicum* ele foi descrito como de expressão *"finstern, wilden und gemeinen"*! Semanas depois, um dia sufocante em Paris, na Biblioteca Nacional, eu consegui descobrir o supracitado Museu e o retrato realmente sinistro. Também consegui fazer no meu livro de bolso uma cópia dele desenhada com caneta e tinta ainda mais desagradável. Sua virtuosa esposa, Elisabetta Cavaceja, certamente me decapitaria se sua alma pudesse, por um tempo suficiente, vislumbrar o que é neste momento a única tentativa de um retrato de seu ilustre marido no Novo Mundo.

Zabarella deixou seis filhos e três filhas, a todos os quais se diz que ele tenha analisado horóscopos. Pois, como Galileu, este preeminente aristotélico de sua geração, foi um crente devoto na astrologia. Exatamente antes de sua morte ele chamou a atenção de seus ouvintes para a estrela maligna sob cuja influência fatal ele predisse que cairia. O discurso fúnebre de Riccoboni ainda existe. O filho mais velho do professor, Julio, tornou-se famoso, e de um lançamento em um antigo livro de registros históricos, no ano de 1594, eu cheguei à conclusão que na Faculdade de Artes o pai deve ter sido sucedido por um Jacobo Jr., que fez coisas animadas aos seus colegas.[16]

Sem demora eu perambulei pela cidade. Ao norte ficava as tranqüilas colinas Euganean, tocadas pelas luzes esvanecentes de um dia italiano. Quão familiar deve ter sido esse agradável horizonte aos olhos do jovem habitante das planícies, que sabia que em poucos meses deveria dar um adeus eterno ao cenário de encostas e montanhas! Ele não escalou repetidamente seus cumes pitorescos e visitou a última residência e a sepultura de Petrarca? Ele não sentou na cadeira do poeta, e observou sobre as paredes os afrescos do cantor e de sua Laura? Ele não foi para a sacada e contemplou o doce cenário que Petrarca adorava contemplar duzentos anos antes? Ele não adquiriu algum delicado gênio poético enquanto se demorava a contemplar, e contemplava se demorando, na influência mágica daquela agradável paisagem italiana? As dunas de areia da Holanda e os decretos de Calvino não vieram a parecer terrivelmente prosaicos e repulsivos neste agradável, rico, quase voluptuoso esplendor? Lá não surgiu uma visão ao jovem rapaz, que muito tempo antes tinha sentido sinais poéticos precoces – uma visão de uma vida de liberdade, amor, melodia, gozo do belo? Não surgiu lá, então, uma contemplação do dever que era entediante, uma irritante recordação de seu acordo com o generosos porém insensíveis e apáticos burgueses do agora prometedor Senado de Amstedã? Junto com a penosa concretização da dependência de toda sua vida órfã até agora, despertou lá não um sonho do que deveria requerir para si mesmo seu tempo e autoridade – para cantar sonetos imortais como Petrarca aos pés de Laura; para ser

---

[16] A passagem é como segue: *"Res admodum parva in magnum certamen excrevit apud principes artium Professores Jacobum Zabarellam et Franciscum Piccolomineum, qui acriter contenderunt, voce scriptisque, utrum via et ratio doctrinæ rectius procedat a rebus natura ipsa notis, an ab iis quæ nobis notæ sunt."* Em relação a isto foi afirmado que três anos antes, que seria dois anos após a morte do Jacobo mais velho, Zabarella teve uma disputa com Petrella *"de rebus logicis,"* que "quase a universidade encerrou seu período letivo."

um artista lá do outro lado do rio Arno; para iniciar uma nova filosofia, e, como o apreciado Zabarella, atrair toda a jovem Europa aos seus pés? Ah, James, a história não conta isto de você; mas se lá em cima na sacada de Petrarca, contemplando meia hora lá fora, sobre o grande vale, você não conheceu nada semelhante a esta experiência, certamente anjos melhores cuidaram de você do que foram concedidos à maioria.

Zabarella foi enterrado na famosa igreja de Saint Antonio di Padova. A esta eu me apressei. A sepultura do filósofo me interessou, embora menos do que a do nobre santo a quem o templo era devido, e cuja alma pueril era tão cheia de amor a Jesus Cristo e do amor da natureza que ele falava de rendenção ao gado e ao pássaro, e pregava aos peixes nos riachos, querendo literalmente pregar o Evangelho a toda criatura. Lá em seu túmulo de prata, debaixo de um belo altar de mármore entalhado e valiosas pinturas e velas flamejantes, repousa em paz e honra a parte mortal deste mais humilde, e então maior, representante histórico de uma redenção completamente universal no propósito de Deus. E enquanto via um reverente camponês cair em seus joelhos e apertar um beijo na superfície brilhante de prata, e articular uma palavra de oração ou ação de graças, eu quase segui o seu exemplo, em parte pelo amor que tinha pelo curioso e velho Antônio, mas mais por causa do reconhecimento, que naquele momento repentinamente veio sobre mim, que aqui em sua juventude o grande campeão holandês histórico da ilimitação da expiação de Cristo deve ter conhecido a vida de Antônio, e deve, inconscientemente, ter recebido dela – quem sabe que impressão? Desde então, como uma peça correspondente para meu retrato de *Arminius ao lado do túmulo de Calvino*, eu pendurei na galeria de minha imaginação *Arminius ao lado do sepulcro de Santo Antônio*.

Novamente eu estava nas ruas. Elas estavam se desenvolvendo ainda, enquanto o anoitecer se intensificava em noite. Todas as coisas novas pareciam obscuras e antigas. Eu parecia estar caminhando pelas ruas de uma Pádua mais antiga, trezentos anos atrás. Um pouco distante em minha frente tive a impressão de ver dois jovens numa animada conversa. Eles estavam com traje de estudante, com chapéus de abas largas e túnicas pretas. A língua que falavam tão apaixonadamente era latim, e enquanto ouvia, ajudado pelo crescente silêncio da cidade, descobri que os que falavam eram dois jovens que Zabarella tinha atraído para Pádua, um sobre os altos Alpes, o outro sobre os Apeninos. Um nascido perto do frio Mar do Norte, o outro às margens do amarelo Tibre. Aqui, aos pés de um professor em comum, eles se encontraram, e aprenderam a conhecer e amar um ao outro. E neste instante o jovem de Roma estava discursando sobre as maravilhas da cidade dos sete montes; sobre suas veneráveis antigüidades, sua arte, sua história, sobre a grande basílica de São Pedro, agora em processo de construção, o maior templo do mundo cristão. De repente eles pararam ao lado de uma antiga entrada, deram um amistoso boa noite um ao outro, e se separaram – o jovem romano sobe para seu aposento, o outro prossegue em seu caminho mais longo para uma mais humilde hospedaria.

O último eu segui como sob algum estranho feitiço. Agora ele parou repentinamente sobre a calçada, e eu o ouvi exclamar a si mesmo, “James, tu verás Roma. Os pés leais que na mocidade te sustentaram com segurança de Oudewater a

Marburg podem suportar-te de Pádua a Roma. Tu verás os esplendores da metrópole do mundo. Tu verás com teus próprios olhos seu 'Mistério da Iniqüidade.'"

Minha imagem vestida desapareceu; mas enquanto vinha para a praça pública de Prato, e me sentava no desértico silêncio, logo tive outras visões. Vi Arminius programando com Adrian Junius, seu companheiro, sua mais distante viagem. Vi o Conde Zabarella, o ilustre, dar a ele uma carta de apresentação especialmente afetuosa a Bellarmine, não ainda cardeal, mas o maior dos teólogos na Igreja Romana. Vi o professor alegremente, todavia não totalmente alegremente, ao partir, exortar seu jovem calvinista a aproveitar a oportunidade de submeter-se ao Santo Padre, e retornar ao seio da única Igreja verdadeira. Eu vi o jovem alegremente, todavia não totalmente alegremente, exibir o Testamento grego e o Livro dos Salmos hebraico, que a história nos conta que ele lia diariamente em todas as suas peregrinações italianas, e chamar a atenção do honrado professor para aquele talismã. Vi-o dar adeus a Pádua para sempre; vi-o descer seu caminho pela bela Ferrara, encantada com Tasso; para a famosa Bolonha, lar do conhecimento; sobre os desertos Apeninos a Florença na pompa da família Medici; para Perugia e o centro da civilização pré-histórica da antiga Etrúria; para o célebre lago da extinta Thrasymene e a inigualável cachoeira de Terni; adiante até que todos os esplendores da Cidade Eterna se projetam debaixo do olhar extasiado do filho do destino de Oudewater.

X.
EM ROMA.

Agora eu mesmo estava em Roma, e sozinho, no alto da torre de Campidoglio, contemplava silenciosamente tudo que encantou os olhos de Arminius e estimulou suas pulsações holandesas. E parecia vê-lo enriquecido por imagens mentais de inigualável beleza, carregado de novo conhecimento, ampliado com afinidades cosmopolitas, a insuficiência de sua educação precoce imperceptivelmente superada, enquanto agora da Porta del Popolo ele se despedia da metrópole do mundo. Eu o vi enquanto nas colinas do norte ele se virava para dar um olhar de despedida a todo aquele encanto e glória. E lá eu o abençoei. Em meu coração eu disse: "Vá, criança escolhida da Providência! Vá sem olhar para trás, sem a menor tristeza. Deus tem uma obra grandiosa para ti. Desde a hora de teu nascimento, sua mão tem estado sobre ti. Foste permitido ser órfão de pai e mãe somente para que possas ser mais completamente dele. Para te preparar para tua vocação providencial, ele te levou de nação a nação, e te deu a melhor sabedoria do mundo. E foste achado fiel. Docilmente aprendeste cada lição e acumulaste cada inspiração. Na sacada de Petrarca, tua *Mons Tentationis*, triunfaste. Aqui nos palácios do papa e do cardeal não te sujeitaste aos seus agrados. Para frente, então, e não para trás, dirige teu olhar. Deus é contigo. Vejo-te bem recebido em tua terra natal; vejo-te o pregador mais famoso em uma poderosa cidade cujo comércio enche o mundo; vejo-te o primeiro doutor nos registros imortais de Leyden; vejo-te o marido de uma nova Santa Elizabeth e pai de crianças felizes. Além destas coisas, vejo Deus te usando para libertar uma Igreja de uma nação; isso e mais, uma Igreja de nações, usando-te para eliminar ambos os absurdos, as limitações blasfemas que dogmatistas tacanhos têm colocado sobre o amor imparcial e inesgotável de Deus. Vejo tua palavra influente permear o mundo de geração a geração, até que das extremidades da terra reverentes peregrinações serão feitas ao seu túmulo, e milhões irão querer fazer-te as honras."[17]

Dois séculos e meio depois da partida desse precioso jovem da Porta del Popolo, o Presidente Wilbur Fisk, o virtuoso chefe da primeira universidade arminiana no mundo, e um honrado representante de milhões de cristãos

---

[17] Duas biografias de Arminius estão publicadas na América; uma foi compilada pelo Dr. Nathan Bangs, publicada pela Harper & Brothers, New York; a outra é uma tradução de John Guthrie da Vida de James Arminius de Brandt, publicada pela Methodist Episcopal Church, South. Nashville, Tenn.
As igrejas nas quais Arminius pregou em Amsterdã de 1588 até sua eleição como professor em Leyden, 1603, ainda estão de fé e sendo usadas. Esperadamente, embora nunca adequadamente notado, a Igreja Reformada Holandesa sempre seguiu o que os metodistas chamariam de "sistema de zonas" em todas as cidades e municípios tendo mais de uma congregação. Arminius, por essa razão, nunca foi pastor de um rebanho particular. Seu casamento com Elizabeth Reael, filha de um distinto juiz e senador de Amsterdã, ocorreu no *Oude Kerk*, em 16 de setembro de 1590. Agora não se pode indicar com precisão a casa em que ele morou além de que ficava do outro lado da rua da casa de seu amigo, o pastor reformado francês ou valão, Taffinus. Em Leyden, quando professor, crê-se que ele tenha residido no Canal de Rapenburg, perto da universidade, e alguns metros da casa que tem sido identificada como a que pertenceu e foi ocupada por um pastor peregrino, John Robinson, 1611-1625. É interessante saber que James Arminius e John Robinson estão enterrados na mesma igreja. Leitores que podem querer descobrir as relações em tempos recentes entre a teologia desenvolvida dos peregrinos e os ensinos de Arminius acharão detalhes curiosos e instrutivos da caneta do presente escritor em McClintock and Strong's Cyclopedia, vol. X, art. "Theology, New England."

americanos, estava se curvando ao lado da cripta funerária de James Arminius na catedral de São Pedro em Leyden, e toda a minha bênção e profecia romanas se tornaram realidades.

Et nunc paterno sidus additum templo
Deum precaris, det gregi suo lucem
Hic quanta satis est, hac det esse contentum;
Det non loquentes sua reperta doctores;
Det consonantes semper omnium linguas,
Aut corda saltem; præpotente vi flammæ
Caliginosas litium fuget sordes;
Ut spiret unum tota civitas Christi,
Vitamque terris approbet, fidem cælo.

HUGO GROTIUS.

FIM